

**Ana Fantasia & Pedro Pereira Leite**

# **LISBON SARASWATI**

As experiências de Viagem  
sobre as Heranças de Lisboa





**Fantasia, Ana - 1972**  
**Leite, Pedro Pereira, 1960 -**  
**ISBN- 978-972-8750-14-5**  
**Título: Saraswati Lisbon:**  
**A Experiência de Viagem pelas Heranças de Lisboa**  
**Autor, Ana Fantasia (Fotos) e**  
**Pedro Pereira Leite (Texto e Fotos)**  
**Edição: Marca d' Água: Publicações e Projetos**  
**1ª edição**  
**Local de Edição: Lisboa/**  
**Ilha de Moçambique**  
**2013**

**Ana Fantasia** (Fotografia)

**Pedro Pereira Leite** (Textos e Fotografia)

## **LISBON SARASWATI**

*As experiencias de viagem sobre as heranças de Lisboa*





## Índice

I Contexto e Circunstância .....	6
II Poética do Tempo .....	12
III Poética do Espaço.....	16
Poética da Viagem .....	23
ROTEIROS .....	31
Roteiro do espaço .....	34
Narrativas Biográficas.....	38
OLHARES .....	47
Percepções.....	50
Emoções .....	55
Sentimentos .....	58
Cartografias sonoras.....	60
A Memória e o Esquecimento.....	63

## I Contexto e Circunstância

*Eu Sou do Tamanho do que Vejo*

*Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no Universo...*

*Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer*

*Porque eu sou do tamanho do que vejo*

*E não, do tamanho da minha altura...*

*Nas cidades a vida é mais pequena*

*Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.*

*Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,*

*Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para longe de todo o céu,*

*Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos olhos nos podem dar,*

*E tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver.*

**Alberto Caeiro** in "O Guardador de Rebanhos"



Do que falamos quando verbalizamos a experiência do espaço e do tempo. Falamos do que somos ou falamos do que vemos. A experiência do ser no espaço e no tempo delimita um objeto fenomenológico que se contém a si mesmo.

A poética da intersubjectividade é uma proposta da epistemologia crítica para resolução da velha questão do contexto<sup>1</sup> e da circunstância<sup>2</sup>. Nós somos o que somos pela experiência no mundo, ao mesmo tempo que o que fazemos e como o fazemos molda o que somos. Propomos uma epistemologia em que o sujeito participa na construção do seu objeto. Uma fórmula em que o uno se concretiza no todo.

Neste livro, que tem por cenário da Baixa de Lisboa, trabalhamos algumas questões conceituais relacionadas com a poética da intersubjectividade<sup>3</sup>. Num primeiro momento trabalhamos a poética do tempo. O tempo como fenómeno

<sup>1</sup> O contexto é uma relação entre o texto e a relação em ele ocorre dentro do texto. (sinónimos, conjuntura, história, ambiente, conexão A circunstância, conjunto, enredo, quadro, situação drama )

<sup>2</sup> Circunstância é particularidade que acompanha um fato, uma situação. O que constitui, caracteriza o estado atual das coisas; conjuntura: dobrar-se às circunstâncias

<sup>3</sup> Trabalho produzido a propósito da Exposição "Baixa em Tempo Real", apresentada pelo Departamento de Museologia da ULHT em Fevereiro de 2013, na galeria Millennium em Lisboa.



social inscrito na mudança como construtor de vínculos entre as comunidades. Olhamos para as suas memórias, para as suas técnicas, para os seus rituais e para as diferentes narrativas que permitem criar escalas de observação da intensividade e da extensividade dos fenómenos. Escalas que são observadas nas continuidades e nas rupturas desses fenómenos, visíveis através das memórias e dos esquecimentos. As narrativas de legitimação.

De seguida procuraremos na poética do espaço a relação entre as escalas de observação e os processos de polarização no espaço. As diferentes escalas do espaço permitem olhar para a sua estruturação como narrativa de legitimação cristalizadas nas dinâmicas de fluxos. De seguida trabalhamos a poética da viagem, uma metodologia que permite ao observador deslocar-se entre as escalas de observação, olhar para as qualidades do espaço e do tempo, para as sua quantidades e para o modos como os indivíduos se apropriam e se organizam criando estabilidades ou instabilidades

reagindo a causas internas ou externa. Na poética da viagem construimos a nossa narrativa simbólica, procurando a forma, os valores e os ritmos da Baixa a duas mãos.



## Poema da Memória

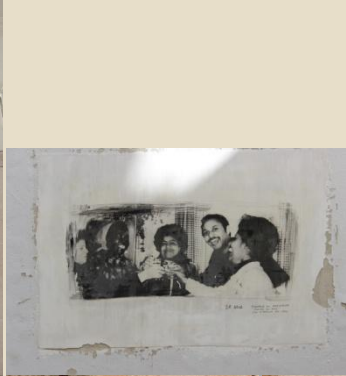
*Havia no meu tempo um rio chamado Tejo  
que se estendia ao Sol na linha do horizonte.  
Ia de ponta a ponta, e aos seus olhos parecia  
exactamente um espelho  
porque, do que sabia,  
só um espelho com isso se parecia.*

*De joelhos no banco, o busto inteiriçado,  
só tinha olhos para o rio distante,  
os olhos do animal embalsamado  
mas vivo  
na vítrea fixidez dos olhos penetrantes.  
Diria o rio que havia no seu tempo  
um recorte quadrado, ao longe, na linha do horizonte,  
onde dois grandes olhos,  
grandes e ávidos, fixos e pasmados,  
o fitavam sem tréguas nem cansaço.  
Eram dois olhos grandes,  
olhos de bicho atento  
que espera apenas por amor de esperar.*

*E por que não galgar sobre os telhados,  
os telhados vermelhos  
das casas baixas com varandas verdes  
e nas varandas verdes, sardinheiras?  
Ai se fosse o da história que voava  
com asas grandes, grandes, flutuantes,  
e poisava onde bem lhe apetecia,  
e espreitava pelos vidros das janelas  
das casas baixas com varandas verdes!  
Ai que bom seria!  
Espreitar não, que é feio,  
mas ir até ao longe e tocar nele,  
e nele ver os seus olhos repetidos,  
grandes e húmidos, vorazes e inocentes.  
Como seria bom!*

*Descaem-se-me as pálpebras e, com isso,  
(tão simples isso)  
não há olhos, nem rio, nem varandas, nem nada.*

António Gedeão, in 'Poemas Póstumos'



*O TEJO*

*O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia,  
Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia  
Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia.*

*O Tejo tem grandes navios  
E navega nele ainda,  
Para aqueles que vêem em tudo o que lá não está,  
A memória das naus.*

*O Tejo desce de Espanha  
E o Tejo entra no mar em Portugal.  
Toda a gente sabe isso.  
Mas poucos sabem qual é o rio da minha aldeia  
E para onde ele vai  
E donde ele vem.  
E por isso porque pertence a menos gente,  
É mais livre e maior o rio da minha aldeia.*

*Pelo Tejo vai-se para o Mundo.  
Para além do Tejo há a América  
E a fortuna daqueles que a encontram.  
Ninguém nunca pensou no que há para além  
Do rio da minha aldeia.*

*O rio da minha aldeia não faz pensar em nada.  
Quem está ao pé dele está só ao pé dele.*

**Alberto Caeiro, in *Guardador de Rebanhos***



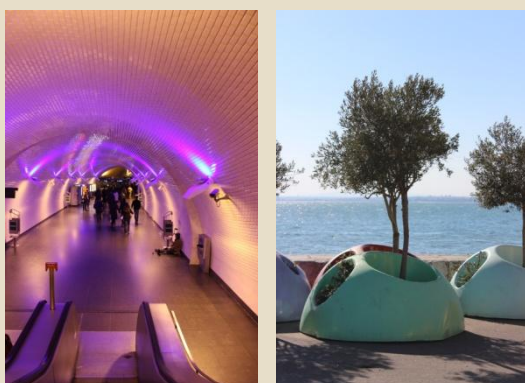
A consciência do tempo é uma das manifestações da racionalidade. Dominar o tempo, narrar os acontecimentos no tempo implica a inclusão numa narrativa linear, que se opõe à narrativa cíclica dos mitos. A relação entre as categorias de espaço e tempo foi proposta por Bakhtin através do conceito Cronotópo<sup>4</sup> que acentua o seu papel como conceito que opera a assimilação do tempo e do espaço históricos na literatura. Tem sido muito usado para acentuar a emergência de narrativas que acentuam a experiência dos personagens (o tempo da vida humana) no tempo histórico (a sua condição humana). O cronotópo é uma ferramenta da análise da densidade psicológica das personagens. Mas mostra também a consciência que essa personagem tem sobre a dinâmica instalada e sobre a possibilidade de ação que pode alterar ou influenciar esse processo.



Esta possibilidade de agir no tempo, modificando esse mesmo tempo inscreve-se na relação que temos com a história. Só observamos o que se passa. O passado é algo que se projeta no nosso presente. São fluxos de informação cristalizados em vestígios. Vestígios que são interrogados no presente para responder às preocupações do presente. No século XVIII, o século da história acreditava-se que o estudo da história permitiria observar as lacunas do presente. Mas se a história permite criar uma narrativa linear. Uma ideia de continuidade, também permite verificar que os problemas do passado são também os problemas do presente, e que o futuro não é necessariamente uma evolução linear, sem a intervenção no presente. A História não é algo que seja exterior ao homem, ainda que ela ocorra independentemente de cada indivíduo.

---

<sup>4</sup> O termo é composto pela aglutinação das palavras gregas *chronos* (tempo) e *topos* (lugar). Tem sido usado na análise literária para mostrar indissociabilidade dos dois conceitos nas narrativas literárias.



O passado interage com o presente, assim como o presente inerage com o passado. Ora se o passado é reconstruído por uma memória, que é construída por uma narrativa que pertence ao presente. As suas estruturas de narração e as suas formulações de legitimação simbólica configuram processos labirínticos marcam os trilhos onde é difícil discernir a ação. Cada indivíduo precisa de fazer qualquer coisa, agir. Uma ação que é balizada pelas margens das narrativas existentes.

Cada ser é assim simultaneamente uma parte do todo, condicionando-se mutuamente. O indivíduo age com o que tem na memória, de acordo com normas socialmente partilhadas, (costumes), ritualizando o que necessita de ser lembrado, e esquecendo o que não é relevante. Esse diálogo entre o que cada um rememora e esquece é a fonte da densidade narrativa que a literatura mostra.

Essa consciência interior do indivíduo que se confronta com o mundo em mudança, e que se permite agir, interiormente pelos dilemas que enfrenta, e exteriormente pela ação que escolhe, libertando-se das margens do rio que o oprimem, é o elemento que confere densidade narrativa ao tempo. Nesta sensação de errância entre dois mundos, entre tempos diferentes, emerge a poética do tempo. A poética do tempo transporta-nos entre os diferentes tempos. Mas a poética do tempo é também uma escolha em que se encontra um tempo e um espaço de ação



Partiu vivo jovem forte  
Voltou bem grave e calado  
Com morte no passaporte

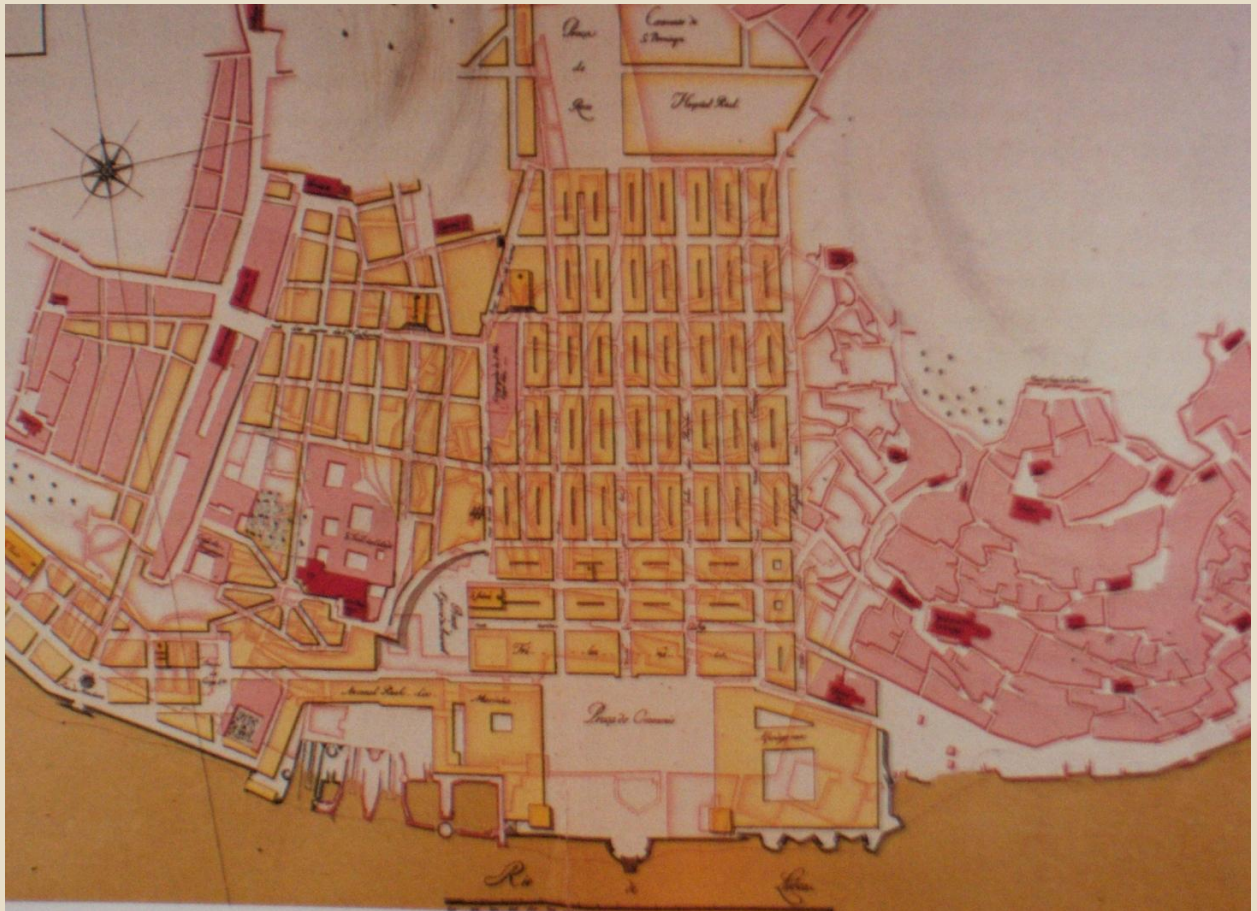
Sua morte nos jornais  
Surgiu em letra pequena  
É preciso que o país  
Tenha a consciência serena

Sophia de Mello Breyner Andersona, *Guerra ou Lisboa* , 1972

### III Poética do Espaço

Digo:  
"Lisboa"  
Quando atravesso - vinda do sul - o rio  
E a cidade a que chego abre-se como se do meu nome nascesse  
Abre-se e ergue-se em sua extensão nocturna  
Em seu longo luzir de azul e rio  
Em seu corpo amontoado de colinas -  
Vejo-a melhor porque a digo  
Tudo se mostra melhor porque digo  
Tudo mostra melhor o seu estar e a sua carência  
Porque digo  
Lisboa com seu nome de ser e de não-ser  
Com seus meandros de espanto insónia e lata  
E seu secreto rebrilhar de coisa de teatro  
Seu conivente sorrir de intriga e máscara  
Enquanto o largo mar a Ocidente se dilata  
Lisboa oscilando como uma grande barca  
Lisboa cruelmente construída ao longo da sua própria ausência  
Digo o nome da cidade  
- Digo para ver

*Sofia de Melo Breyner LISBOA in obra poética)*



E de novo, Lisboa, te remancho,  
numa deriva de quem tudo olha  
de viés: esvaído, o boi no gancho,  
ou o outro vermelho que te molha.

Sangue na serradura ou na calçada,  
que mais faz se é de homem ou de boi?  
O sangue é sempre uma papoila errada,  
cerceado do coração que foi.

Groselha, na esplanada, bebe a velha,  
e um cartaz, da parede, nos convida  
a dar o sangue. Franzo a sobancelha:  
dizem que o sangue é vida; mas que vida?

Que fazemos, Lisboa, os dois, aqui,  
na terra onde nasceste e eu nasci?

Alexandre O'Neill, *E de Novo, Lisboa in 'De Ombro na Ombreira'*



A dimensão poética do espaço é uma outra ferramenta que temos vindo a usar no âmbito dos nossos trabalhos sobre o património, como processo de procura do “*espírito do lugar*”. Esta é uma dimensão utópica (de para além do sítio) a partir da qual se podem construir conceitos estruturantes que orientem e legitimam a produção de propostas de ação que se materializam em narrativas simbólicas.

18



A poética do espaço emerge na leitura do património como uma narrativa sobre o espaço. Ela permite captar de forma intuitiva os processos de transformação. A poética apresenta uma dimensão exegética (de exegese ou transcendência) que liberta significados contidos nas formas. O uso e a experiência do espaço é feita pela verbalização e pela ritualização. A verbalização é o processo como comunicamos através dele, seja por um movimento intencional ou não. As ritualizações são todos os movimentos pendulares, feira, ou festas que acontecem nesses espaços. São movimentos de atração e repulsão de um número maior ou menor de gentes. Mas ao mesmo tempo o espaço apresenta uma dimensão inclusiva. Uma



dimensão teórica que inclui o que está imanente. Isto é o que não sendo imediatamente visível está lá. Um significado que só é revelado pelo exercícios de descodificação. Por isso é uma dimensão imanente através da qual se busca o todo na essência das coisas. Essa dimensão é catalisada através de narrativas contextualizadas no espaço e no tempo. São processos que se fixam. É através deles capturamos os fenómenos. É este discurso contextual que recria sucessivamente a experiência social, constituindo as narrativas desenvolvimento delas mesmas, testadas nas circunstâncias de cada espaço e cada tempo.

A poética como ato comunicativo permite produzir significados plurais, através dos quais se podem constituir leituras inovadoras. A dimensão poética traduz-se por uma experiência do sensível: Uma viagem dos sentidos pelo espaço na busca de momentos processuais.

A poética como experiência urbana é uma experiência de intesubjetividade onde os diversos sujeitos se deslocam no tempo e no espaço em torno de objetos socialmente significativo, de herança comum, para, em conjunto reconstruírem os elementos que lhes são comuns, criando novos sentidos e novos processos.



A questão da poética é também relevante para ultrapassar as questões da autenticidade e da tradicionalidade, tal como as teoria patrimoniais têm vindo a acentuar. Perante a emergência desta fenomenologia processualista, os objetos patrimoniais revelam a evidência sua condição metonímica. Fora da narrativas hegemónicas o objeto patrimonial nega-se a si mesmo. A poética permite a emergência da inovação em ambientes inclusivos das diversidades e abre caminho para o dialogo participado na construção de ação patrimonial.

A manhã estática parada  
Entre o Tejo azul e a Torre branca  
Que branca e barroca sobe das águas

Manhã acesa de silêncio e louvor  
Na breve primavera violenta  
Assim a minha vida que era calma

De repente se tornou ânsia e saudade

Mas a brisa da varanda é doce e suave  
Um pássaro canta porque alguém regou

*Siphia de Melo Breyner Anderson Poemas Dispersos*





## Poética da Viagem

*É da torre mais alta do meu pranto  
que eu canto este meu sangue este meu povo.  
Dessa torre maior em que apenas sou grande  
por me cantar de novo.*

*Cantar como quem despe a ganga da tristeza  
e põe a nu a espádua da saudade  
chama que nasce e cresce e morre acesa  
em plena liberdade.*

*É da voz do meu povo uma criança  
seminua nas docas de Lisboa  
que eu ganho a minha voz  
caldo verde sem esperança  
laranja de humildade  
amarga lança  
até que a voz me doa.*

*Mas nunca se dói só quem a cantar magoa  
dói-me o Tejo vazio dói-me a miséria  
apunhalada na garganta.  
Dói-me o sangue vencido a nódoa negra  
punhada no meu canto.*

*Ary dos Santos, Retrato do Povo de Lisboa, in 'Fotosgrafias*

A poética da viagem é uma das questões sobre as quais temos vindo a trabalhar desde alguns anos. Viajar favorece a deslocação dos olhares, permite a experiência do movimento criativo na busca de relevâncias. A viagem produz memórias e valoriza a experiência. A incorporação das experiências no mundo é uma ajuda à felicidade.

A ação de viajar permite experimentar um processo de transformação pessoal. A viagem desperta a consciência de si de uma matriz individual. A viagem confronta-nos com outros espaços. E este movimento, do indivíduo no espaço permite encontros.



Estes encontros dos indivíduos com espaço são também encontros com os outros indivíduos que habitam esses espaços. É neste confronto, com o outro e com outros espaços que permite gerar ou não mudanças. O encontro é a possibilidade de mudança que a viagem permite. Este é um livro de encontros feito em diálogo a duas mãos.

Como distinguimos o que está a mudar e o que são as permanências. Vivemos hoje num mundo de excessos. A abordagem da poética, da busca do essencial, procura o que está em mudança. A abordagem da poética é um método que nos permite relevar os significados das experiências e das práticas.



A experiência da viagem permite revelar desejos, motivações, redescobrir emoções. Na Viagem descobrimos o que trazemos conosco. A forma como narramos a experiência de viagem é uma experiência de intersubjetividade ao encontramos o nosso reflexo na experiência do mundo. Uma experiência onde a partir do lugar construímos essências. A construção das essências é uma arte poética.



Mas a viagem é também uma partilha de espaços e tempos comuns. A viagem implica construção se sociabilidades. Permite a construção de visões do eu e do outro e a partilha de emoções. A produção de diferenças produz complementaridades. A experiência da viagem produz uma embriaguez, um desregramento dos sentidos que permite fixar vertigens. Essa vertigem pode ser cristalizada pela remomeração. As lembranças das experiências da sensação é um ato prévio de mimeis. A imaginação poética.



O procedimento metodológico para domesticar esta memória de fragmentos, implica o registo dos momentos singulares. A fixação de emoções parte das evocações das singularidades. Evitar os excessos e captar a essência implica retomar um estado de inocência primordial e olhar para a fratura. Esperar pelo emergir da emoção. Criar uma inocência eficaz implica olhar para o presente como essência e olhar para a diversidade como uma riqueza. Olhar para a paisagem como um lugar com atores em processo. Procurar entender os ritmos do mundo é sentir o tempo na sua diversidade.







**Através da poética de intesubjectividade, contexto<sup>5</sup> e circunstância<sup>6</sup> emergem na epistemologia crítica como uma proposta de resolução da velha questão da delimitação do objeto fenomenológico. Uma epistemologia em que o sujeito participa na construção dos seu objeto. Uma formula em que o uno se concretiza no todo.**

*Na irisada cor que as conchas  
tomam à luz de algumas pétalas  
logo os sentidos reencontram  
uma Lisboa já submersa*

*De novo pedras ressoam  
sob as passadas do mistério*

*Como que forcas certas fontes  
Como que um búzio cada prédio  
Nem uma flor nem uma folha  
longe das árvores se atrevem*

*E até do perto...*

DAVID MOURÃO-FERREIRA "AO REENCONTRO DE LISBOA", \_in "Obra Poética, 1948-1988" (2006)

<sup>5</sup> O contexto é uma relação entre o texto e a relação em ele ocorre dentro do texto. (sinónimos, conjuntura, história, ambiente, conexão A circunstância, conjunto, enredo, quadro, situação drama )

<sup>6</sup> Ciscunstância é particularidade que acompanha um fato, uma situação. O que constitui, caracteriza o estado atual das coisas; conjuntura: dobrar-se às circunstâncias

*Em cada esquina te vais  
Em cada esquina te vejo  
Esta é a cidade que tem  
Teu nome escrito no cais  
A cidade onde desenho  
Teu rosto com sol e Tejo*

*Caravelas te levaram  
Caravelas te perderam  
Esta é a cidade onde chegas  
Nas manhãs de tua ausência  
Tão perto de mim tão longe  
Tão fora de seres presente*

*Esta e a cidade onde estás  
Como quem não volta mais  
Tão dentro de mim tão que  
Nunca ninguém por ninguém  
Em cada dia regressas  
Em cada dia te vais*

*Em cada rua me foges  
Em cada rua te vejo  
Tão doente da viagem  
Teu rosto de sol e Tejo  
Esta é a cidade onde moras  
Como quem está de passagem*

*Às vezes pergunto se  
Às vezes pergunto quem  
Esta é a cidade onde estás  
Com quem nunca mais vem  
Tão longe de mim tão perto  
Ninguém assim por ninguém*

Manuel Alegre Balada de Lisboa in "Babilónia"



## ROTEIROS

### " O TEJO CORRE NO TEJO "

*Tu que passas por mim tão indiferente,  
no teu correr vazio de sentido,  
na memória que sobes lentamente,  
do mar para a nascente,  
és o curso do tempo já vivido.  
Não, Tejo  
não és tu que em mim te vês,  
- sou eu que em ti me vejo !*

*Por isso, à tua beira se demora  
aquele que a saudade ainda trespassa,  
repetindo a lição, que não decora,  
de ser, aqui e agora,  
só um homem a olhar para o que passa.  
Não, Tejo  
não és tu que em mim te vês,  
- sou eu que em ti me vejo !*

*Um voo desferido é uma gaivota,  
não é o voo da imaginação;  
gritos que são agoiros, são a lota...  
Vá, não faças batota,  
deixa ficar as coisas onde estão...  
Não, Tejo  
não és tu que em mim te vês,  
- sou eu que em ti me vejo !*

*Tejo desta canção, que o teu correr  
não seja o meu pretexto de saudade.  
Saudade tenho, sim, mas de perder,  
sem as poder deter,  
as águas vivas da realidade !  
Não, Tejo  
não és tu que em mim te vês,  
- sou eu que em ti me vejo !*

ALEXANDRE O'NEILL (1965) \_in "POESIAS COMPLETAS" ,"Feira Cabisbaixa", p.234-235;(ed. Assírio & Alvim, 2001)(2ª ed.)



A metodologia da viagem é um processo que temos vindo a desenvolver nas propostas de construção das narrativas participadas. Elas procuram exprimir diferentes formas de olhar o espaço. A metodologia propõe como desafio à museologia de espaços urbanos. Um desafio que procura ultrapassar o olhar sobre a cidade como um objeto estático. A cidade como espaço vivo incorpora forças que se enfrentam. Forças naturais e forças sociais. Mas as cidades são também cenários de representações de si mesmas. Dependendo do olhar, diferentes são as propostas de representação. O desafio é então procurar olhar a cidade a partir do seu interior. Escutar os seus ecos e incorporá-los como narrativa museológica como uma pluralidade de olhares que nos desse uma "tomografia" da cidade.



Na construção das narrativas museológicas é vulgar procurar revelar as polaridades. Uma narrativa ou uma exposição museológica deve-se centrar numa oposição forte. Não é tanto a descrição do espaço que interessa, mas as tensões existentes e detetadas. Cada museu deve ter uma "gota de sangue" ou uma "cicatriz" a partir do qual se constroi o conceito gerador. A multiplicidade dos olhares sobre o espaço é uma das chaves para criar os processos de construção de narrativas com base nesta metodologia. A oficina da "cartografia das memórias" organiza-se em quatro momentos. Num primeiro tempo propõe-se olhar e sentir o espaço através da experiência no espaço. A cada elemento participante é proposto sentir o movimento no espaço. Procurar olhar para além do visível, sentir os sons e os cheiros. Procurar sentir os materiais. Encontra-se com as pessoas. Tentar sentir os silêncios e tentar indentificar as dinâmicas relacionais.



Se nesta primeira parte o exercício é essencialmente uma experiência individual vivida em grupo, num segundo momento é proposto o desafio de em grupo tentar capturar os elementos essenciais do espaço e tentar perceber o que está a mudar. Trata-se de procurar as diferentes dinâmicas percebidas pelos diferentes membros e procurar relacioná-las. Encontrar o que nelas há de comum.

Essa busca conduz o grupo à construção de uma ação onde emerge um terceiro momento. Partindo do sentido do presente procura-se construir o futuro a partir do questionamento sobre: Por que andamos?, O que queremos fazer?, Para onde damos o primeiro passo? e Com quem caminhamos. Trata-se de um exercício de busca dos compromissos para agir coletivamente. A partir desse exercício parte-se para a construção da narrativa.

A experiência do espaço foi construída ao longo de diferentes momentos. Tomamos como referência a distinção entre o espaço itinerante e espaço irradiante.

O espaço itinerante permite uma percepção dinâmica. É criada pelo percurso nesse espaço para criar uma consciência sobre esse mundo vivido. O espaço irradiante permite uma percepção mais estática, e baseia-se na reconstrução desse espaço a partir da sua integração em círculos cada vez mais amplos. Na construção destes círculos de integração criam-se oposições ou pares de inclusão/exclusão. Esta é uma operação taxonómica que antecede a operação semântica. O nosso roteiro permitiu emergir diferentes leituras.

# Roteiro do espaço

Calçada do Combro



Chiado



Rua Augusta



Terreiro do Paço



Cais do Sodré



Rossio



Mouraria



Alfama



Castelo  
Terreiro do Trigo





*A praça da Figueira de manhã,  
Quando o dia é de sol (como acontece  
Sempre em Lisboa), nunca em mim esquece,  
Embora seja uma memória vã.*

*Há tanta coisa mais interessante  
Que aquele lugar lógico e plebeu,  
Mas amo aquilo, mesmo aqui ... Sei eu  
Por que o amo? Não importa. Adiante ...*

*Isto de sensações só vale a pena  
Se a gente se não põe a olhar para elas.  
Nenhuma delas em mim serena...*

*De resto, nada em mim é certo e está  
De acordo comigo próprio. As horas belas  
São as dos outros ou as que não há.*

**A Praça, Alvaro de Campos, in "Poemas**

## Narrativas Biográficas

Uma das metodologias que propomos para reconhecimento do espaço social, são as Narrativas Biográficas<sup>7</sup>. Criar oficinas biografias é um modo de dar palavra aos habitantes dos espaços para compreender a forma como o utilizam. A forma como os habitantes usam e espaço, a forma como o reconhecem fornecem elementos para a sua herarquização e análise de dinâmicas.

38

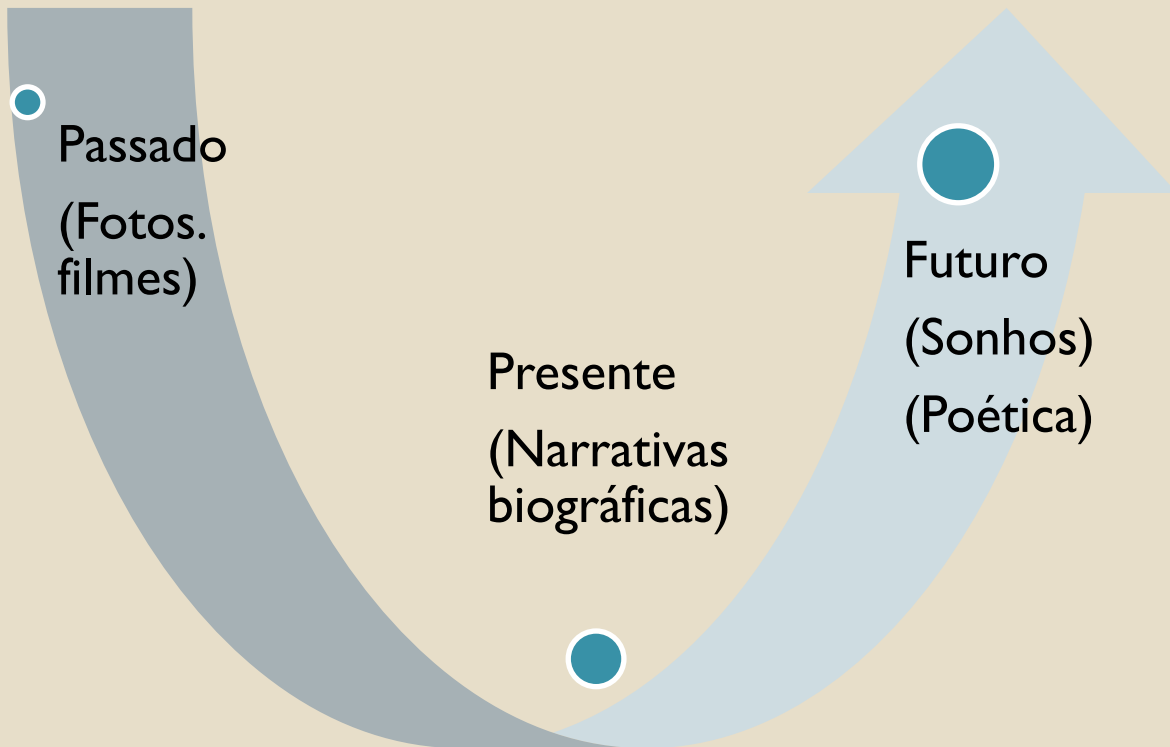


Através das narrativas biográficas podem-se fazer várias viagens. Podem reconstruir as histórias de vida, as sociabilidades, os locais de encontro, os modos de apropriação dos recursos, os lazeres, as forma de organização social, ec.



<sup>7</sup> Veja-se o trabalho Leite, (2012) A Poética da Intersubjectividade na Museologia, Lisboa /Ilha de Moçambique, Marca D'Água.

As histórias de vida permitem efetuar uma leitura dinâmica do espaço a partir de espaços irradiantes. Igualmente permitem reconstruir percursos e seleccionar objetos para construção e exposições museológicas.



*Nada me prende a nada.  
Quero cinquenta coisas ao mesmo tempo.  
Anseio com uma angústia de fome de carne  
O que não sei que seja -  
Definidamente pelo indefinido...  
Durmo irrequieto, e vivo num sonhar  
irrequieto  
De quem dorme irrequieto, metade a  
sonhar.*

*Fecharam-me todas as portas abstratas e  
necessárias.  
Correram cortinas de todas as hipóteses que  
eu poderia ver da rua.  
Não há na travessa achada o número da  
porta que me deram.*

*Acordei para a mesma vida para que tinha  
adormecido.  
Até os meus exércitos sonhados sofreram  
derrota.  
Até os meus sonhos se sentiram falsos ao  
serem sonhados.  
Até a vida só desejada me farta - até essa  
vida...*

*Compreendo a intervalos desconexos;  
Escrevo por lapsos de cansaço;  
E um tédio que é até do tédio arroja-me à  
praia.  
Não sei que destino ou futuro compete à  
minha angústia sem leme;  
Não sei que ilhas do sul impossível  
aguardam-me naufrago;  
ou que palmares de literatura me darão ao  
menos um verso.*

*Não, não sei isto, nem outra coisa, nem  
coisa nenhuma...  
E, no fundo do meu espírito, onde sonho o  
que sonhei,  
Nos campos últimos da alma, onde memoro  
sem causa  
(E o passado é uma névoa natural de  
lágrimas falsas),  
Nas estradas e atalhos das florestas  
longínquas  
Onde supus o meu ser,  
Fogem desmantelados, últimos restos  
Da ilusão final,  
Os meus exércitos sonhados, derrotados  
sem ter sido,  
As minhas cortes por existir, esfaceladas em  
Deus.*

*Outra vez te revejo  
Cidade da minha infância pavorosamente  
perdida...  
Cidade triste e alegre, outra vez sonho  
aqui...  
Eu? Mas sou eu o mesmo que aqui vivi, e  
aqui voltei,  
E aqui tornei a voltar, e a voltar.  
E aqui de novo tornei a voltar?  
Ou somos todos os Eu que estive aqui ou  
estiveram,  
Uma série de contas-entes ligados por um  
fio-memória,  
Uma série de sonhos de mim de alguém de  
fora de mim?*

*Outra vez te revejo,  
Com o coração mais longínquo, a alma  
menos minha.*

*Outra vez te revejo - Lisboa e Tejo e tudo -,  
Transeunte inútil de ti e de mim,  
Estrangeiro aqui como em toda a parte,  
Casual na vida como na alma,  
Fantasma a errar em salas de recordações,  
Ao ruído dos ratos e das tábuas que rangem  
No castelo maldito de ter que viver...*

*Outra vez te revejo,  
Sombra que passa através das sombras, e  
brilha  
Um momento a uma luz fúnebre  
desconhecida,  
E entra na noite como um rastro de barco se  
perde  
Na água que deixa de se ouvir...*

*Outra vez te revejo,  
Mas, ai, a mim não me revejo!  
Partiu-se o espelho mágico em que me revia  
idêntico,  
E em cada fragmento fatídico vejo só um  
bocado de mim -  
Um bocado de ti e de mim!*

Há inúmeras formas de criar roteiros. Aqui apresentamos alguns exemplos que captamos no nosso percurso: Este procedimento permite começar a categorizar o material recolhido e proceder aos trabalhos de inventário

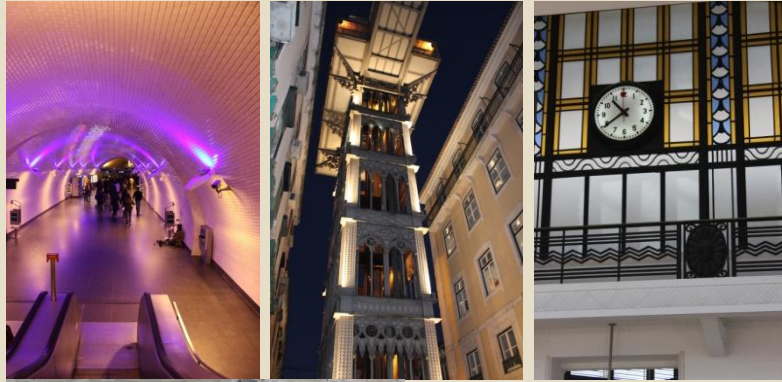
Loja



Livrarias



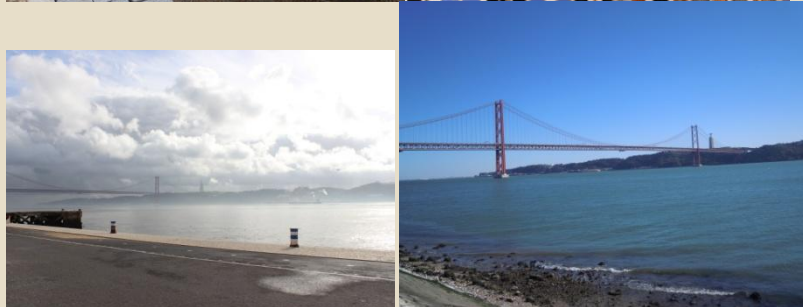
Equipamentos



A claçada de Lisboa



O Rio



Profissões



Modos de Uso do espaço



Histórias de Rua



Igrejas



Se cada um destes temas poderia dar origem a um roteiro, poderíamos criar outras temas, tais como os roteiros de escritores, de poetas, de artistas, de temas da história e das histórias de vida.



### **Lisboa**

*De certo, capital alguma n'este mundo  
Tem mais alegre sol e o ceu mais cavo e fundo,  
Mais collinas azues, rio d'aguas mais mansas,  
Mais tristes procissões, mais pallidas creanças,  
Mais graves cathedraes - e ruas, onde a esteira  
Seja em tardes d'estio a flor de lorangeira!*

*A Cidade é formosa e esbelta de manhã! -  
É mais alegre então, mais limpida, mais sã;  
Com certo ar virginal ostenta suas graças,  
Ha vida, confusão, murmurios pelas praças;  
- E, ás vezes, em roupão, uma violeta bella  
Vem regar o craveiro e assoma na janella.*

*A Cidade é beata - e, ás lucidas estrellas,  
O Vicio á noute sae ás ruas e ás viellas,  
Sorrindo a perseguir burguezes e estrangeiros;  
E á triste e dubia luz dos baços candieiros,  
- Em bairros sepulchraes, onde se dão facadas -  
Corre ás vezes o sangue e o vinho nas calçadas!*

*As mulheres são vãs; mas altas e morenas,  
D'olhos cheios de luz, nervosas e serenas,  
Ebrias de devoções, relendo as suas Horas;  
- Outras fortes, crueis, os olhos côm d'amoras,  
Os labios sensuaes, cabellos bons, compridos...  
- E ás vezes, por enfado, enganam os maridos!*

*Os burguezes banaes são gordos, chãos, contentes,  
Amantes de Cupido, avaros, indolentes,  
Graves nas procissões, nas festas e nos lutos,  
Bastante sensuaes, bastante dissolutos;  
Mas humildes crhistãos! - e, em lugubres momentos,  
Tendo, ainda, crueis saudades dos conventos!*

*E assim ella se apraz n'um somno vegetal,  
Contraria ao Pensamento e hostile ao Ideal! -  
- Mas mau grado assim ser cruel, avara, dura,  
Como Nero tambem dá concertos á lua,  
E, em noutes de verão quando o luar consolla,  
Põe ao peito a guitarra e a lyrica violla.*

*No entanto a sua vida é quasi intermitente,  
Afunda-se na inação, feliz, gorda, contente;  
Adora inda as acções dos seus navegadores  
Velhos heroes do mar; detesta os pensadores;  
Faz guerra a Vida, á Acção, ao Ideal - e ao cabo  
É talvez a melhor amiga do Diabo!*

**António Gomes Leal, in 'Claridades do Sul'**





## OLHARES

*Lisboa com suas casas  
De várias cores,  
Lisboa com suas casas  
De várias cores,  
Lisboa com suas casas  
De várias cores...  
À força de diferente, isto é monótono.  
Como à força de sentir, fico só a pensar.*

*Se, de noite, deitado mas desperto,  
Na lucidez inútil de não poder dormir,  
Quero imaginar qualquer coisa  
E surge sempre outra (porque há sono,  
E, porque há sono, um bocado de sonho),  
Quero alongar a vista com que imagino  
Por grandes palmares fantásticos,  
Mas não vejo mais,  
Contra uma espécie de lado de dentro de pálpebras,  
Que Lisboa com suas casas  
De várias cores.*

*Sorrio, porque, aqui, deitado, é outra coisa.  
A força de monótono, é diferente.  
E, à força de ser eu, durmo e esqueço que existo.*

*Fica só, sem mim, que esqueci porque durmo,  
Lisboa com suas casas  
De várias cores.*

Alvaro de Campos, Lisboa

Sobre o espaço e sobre o tempo, na busca da poética é muitas vezes necessário um olhar mais denso. Um olhar que busca as tensões. O

olhar irradiante permite, a partir de cada unidade de espaço ou de tempo construir modos de olhar a percepção, os sentimentos ou as emoções.

Se o olhar sobre o espaço e sobre o tempo deve procurar essa cicatriz, ela não é fácil. A poética da intersubjetividade poderá ser uma forma de ter acesso a fragmentos significantes do todo



*NÃO: Não quero nada.  
Já disse que não quero nada.*

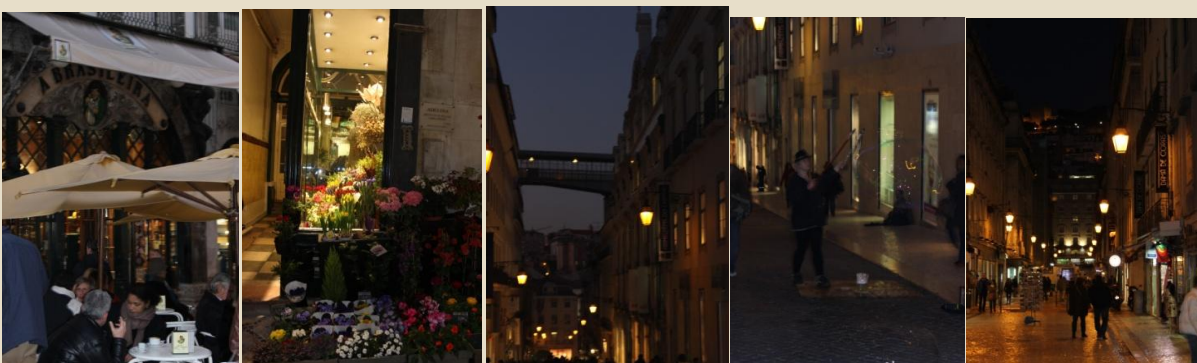
*Não me venham com conclusões!  
A única conclusão é morrer.*

*Não me tragam estéticas!  
Não me falem em moral!*

*Tirem-me daqui a metafísica!  
Não me apregoem sistemas completos, não me enfileirem conquistas  
Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!) —  
Das ciências, das artes, da civilização moderna!*

*Que mal fiz eu aos deuses todos?*

*Se têm a verdade, guardem-na!*



*Sou um técnico, mas tenho técnica só dentro da técnica.  
Fora disso sou doido, com todo o direito a sê-lo.  
Com todo o direito a sê-lo, ouviram?*

*Não me macem, por amor de Deus!*

*Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável?  
Queriam-me o contrário disto, o contrário de qualquer coisa?  
Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a vontade.  
Assim, como sou, tenham paciência!  
Vão para o diabo sem mim,  
Ou deixem-me ir sozinho para o diabo!  
Para que havemos de ir juntos?*



*Não me peguem no braço!  
Não gosto que me peguem no braço. Quero ser sozinho.  
Já disse que sou sozinho!  
Ah, que maçada quererem que eu seja da companhia!*

*Ó céu azul — o mesmo da minha infância —  
Eterna verdade vazia e perfeita!  
Ó macio Tejo ancestral e mudo,  
Pequena verdade onde o céu se reflete!  
Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!  
Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me sinta.*

*Deixem-me em paz! Não tardo, que eu nunca tardo...  
E enquanto tarda o Abismo e o Silêncio quero estar sozinho!*

Alberto Caeiro Lisbon Revisited (1923)

## Percepções

50



A percepção forma o comportamento das pessoas. Cada um interpreta realidade conforme a vê. Cada um percebe o mundo ou uma situação de acordo com a importância que para cada um de nós.

No cérebro os estímulos sensoriais são processados de acordo com os seus significados. Estes significados são atribuídos a partir da adequação da situação vivida ao histórico vivido. É através da percepção que cada um organiza e interpreta os estímulos sensoriais que recebe e adequa a sua acção ao meio



As percepções são o um processo cognitivo que adquire, interpreta seleciona e organiza as informações obtidas pelos sentidos. As percepções podem ser biológicas, quando derivam das reacções dos órgãos internos e dos sentidos, e podem ser cognitivas se envolver processos mentais, como a memória.

Como categorias das percepções temos a *luz* e o *movimento* capturada pelos olhos, os *sons* pelos ouvidos, os *cheiros* pelo nariz, o *gosto* pela boca. Quanto às *formas* e as *texturas* e temperaturas temos as mãos e pele..



De um modo geral as percepções cognitivas são percebidas e processadas a partir de vários estímulos exteriores de ajudam a atribuir conformidade ao processo. Por exemplo, o *equilíbrio* é um processo de ajustamentos que intervêm diferentes canais de estímulos exteriores. Finalmente a *percepção social*, que se forma na leitura que cada indivíduo efectua da sua própria posição em relação aos demais membros do grupo.

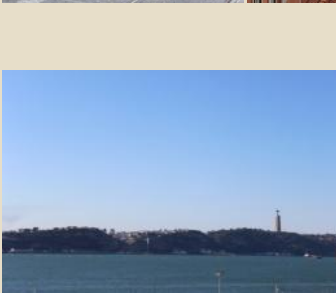
As principais percepções são capturadas pelos órgãos sensoriais. Dispomos de cinco órgãos. O olhar captura os contrastes entre o claro e o escuro, e entre o movimento e a imobilidade. A audição captura as sonoridades, os ruídos e os silêncios. O paladar percebe os sabores. O olfacto os odores e o tacto a textura dos materiais. Os diferentes órgãos atuam em conjunto. Já falamos do equilíbrio. A questão da forma dos objetos permite a percepção da estética que preside a agradabilidade. Finalmente, de forma mais complexa, a percepção social relaciona o indivíduo com os outros, permitindo-o situar em termos de distância e posição. Podemos agrupá-las em pares de contrastes.



Luz (claro/escuro)



Movimento/Imobilidade



Som/ Silêncio



Gosto (doce/salgado, ácido alcalino)



Cheiro (agradável/repelente)



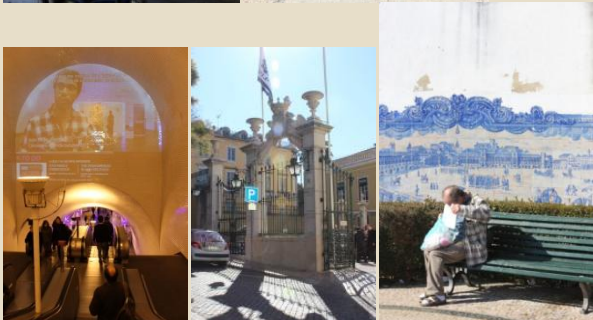
Formas (Harmonia/desarmonia)



Texturas



Equilíbrios



Percepção Social

*Os Namorados Lisboaetas Entre o olival e a vinha  
o Tejo líquido jumento  
sua solar viola afina  
a todo o azul do seu comprimento*

*tendo por lânguida bainha  
barcaças de bacia larga  
que possessas de ócio animam  
o sol a possuí-las deilharga.*

*Sua lata de branca tinta  
vai derramando um vapor  
precisando a tela marinha  
debuxada com os lápis de cor*

*da liberdade de sermos dois  
a máquina de fazer púrpura  
que em todas as coisas fermenta  
seu tácito sumo de uva.*

*Natália Correia, in "O Vinho e a Lira"  
Cidadania Buquê de ruídos úteis  
o dia. O tom mais púrpura  
do avião sobressai  
locomovida rosa pública.*

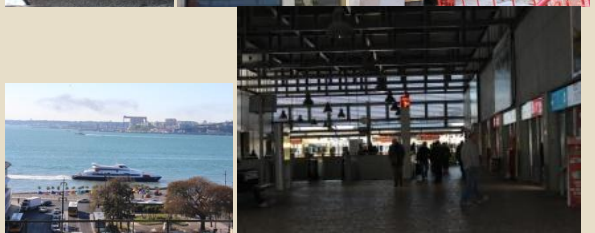
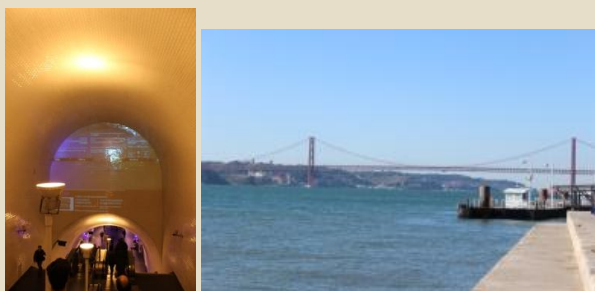
*Entre os edifícios a acácia  
de antigamente ainda ousa  
trazer ao cimo a folhagem  
sua dor de apertada coisa.*

*Um solo de saxofone excresce  
mensagem que a morte adia  
aflito pássaro que enrouquece  
a garganta da telefonia.*

*Em cada bolso do cimento  
uma lenta aranha de gás  
manipula o dividendo  
de um suicídio lilás.*

Natália Correia, in "O Vinho e a Lira"





Trabalhar as percepções é trabalhar sobre os contrastes e conflitos percebidos no espaço e no tempo. Em Lisboa podemos verificar diferentes ângulos de abordagem. Por exemplo no Campo da renovação urbana na baixa podemos olhar para a velha Lisboa, a requalificação dos bairros históricos da Mouraria e do Castelo, para a requalificação da Frente Ribeirinha. Podemos olhar para o movimento da cidade. A forma como as pessoas se movimentam. Para o modo como usam os transportes. Como entram e saem das estações de metropolitanos. Para os fluxos do tráfego viário. Podemos olhar para os conflitos entre peões e automóveis, ou para as formas de ocupação do espaço público. Podemos olhar para a forma como o espaço é ocupado nas diferentes ocupações profissionais. Por exemplo as redes de carteiristas que procuram inactos. Para a forma de lazer ao fim da tarde no Chiado, ou as noites do Bairro Alto. Os pontos de encontro, na base da estátua ao Camões ou na Brasileira do Chiado. Podemos olhar para os locais de repasto. As pequenas tascas e os restaurantes Gourmet. Para as lojas. A ideia é procurar contrastes a partir da qual se podem reconstruir narrativas.

*Ó Cidade da Luz! Perpétua fonte  
De tão nítida e virgem claridade,  
Que parece ilusão, sendo verdade,  
Que o sol aqui feneça e não desponte...*

*Embandeira-se em chamas o horizonte:  
Um fulgor áureo e róseo tudo invade:  
São mil os panoramas da Cidade,  
Surge um novo mirante em cada monte.*

*Ó Luz ocidental, mais que a do Oriente  
Leve, esmaltada, pura e transparente,  
Claro azulejo, madrugada infinda!*

*E és, ao sol que te exalta e te coroa,  
— Loira, morena, multicolor Lisboa! —  
Tão pagã, tão cristã, tão moira ainda...*

Lisboa Alberto de Oliveira, in "Poemas de Itália e Outros Poemas"

# Emoções

A procura pode ser enriquecida pela busca das emoções. As emoções distinguem-se das percepções por nelas estar envolvido um processo de valorização dos estímulos em função do sistema de valor de cada indivíduo. À emoção contém a marca cultural de cada indivíduo e cada comunidade condiciona os seus membros ao conjunto do seu sistema de valores

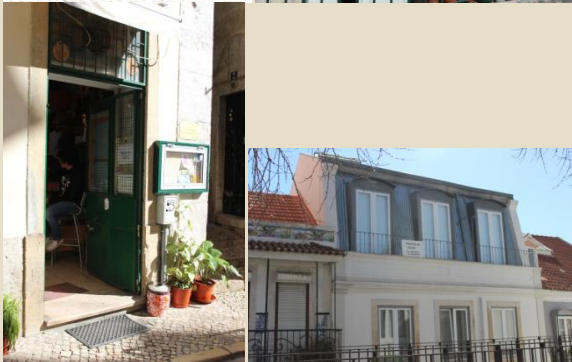
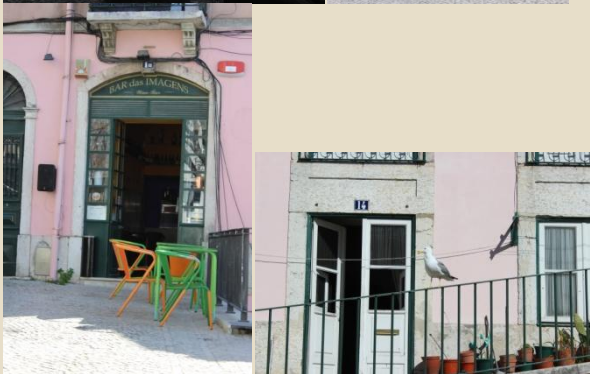
A emoção tem origem num qualquer objeto do mundo, é experimentada de forma consciente ou inconsciente, são observáveis por sinais corporais e são limitadas no tempo. As emoções condicionam o comportamento e tem origem numa causa. São versáteis e tem intensidade variável. A emoção é um processo complexo

Agressividade, Afetividade, Aflição,  
Alegria, Altruísmo, Ambivalência,  
Amizade, Amor, Angústia, Ansiedade,  
Antipatia, Antecipação, Apatia,  
Arrependimento, Arrogância. Auto-  
piedade, Avareza, Bondade, Carinho  
Cobiça, Compaixão, Confusão, Ciúme,  
Constrangimento, Coragem, Culpa,  
Curiosidade, Contentamento,  
Depressão, Desabafo, Deslumbramento,  
Dó, Decepção, Dúvida,  
Desapontamento, Egoísmo, Empatia,  
Esperança, Euforia  
Entusiasmo, Epifania, Excitação,  
Fanatismo, Felicidade, Frieza,  
Frustração, Gratificação, Gratidão,  
Histeria, Hostilidade, Humor,  
Humildade, Humilhação, Incómodo,  
Inspiração, Interesse, Indecisão, Inveja,  
Ira  
Isolamento, Luxúria, Mágoa, Mau-  
humor, Medo, Melancolia, Nojo,  
Nostalgia, Ódio, Orgulho, Paixão,  
Paciência, Pânico, Pena, Piedade,  
Possessividade, Prazer, Preguiça,  
Preocupação, Raiva, Remorso,  
Repugnância, Resignação



Um modo de procurar retratode de moções é a observação de rostos. De olhar para os habitantes nos seus gestos. As linguagens não verbais transmitem emoções profunda. Podemos olhar e comparar os rosto de jovens e de idosos. Pessoas em situações. Pessoas em cafés ou em restaurantes. Em locais de charme ou de baixa-rende. Podemos ver quem e como se conseome o que está disponível no espaço publico. As castanhas ou

os músicos de rua. Quem contempla os barcos do Tejo e quem passa apressado.



Olhar para as profissões e procurar uma linha de tempo. As profissões de hoje são diferentes das de ontem.

Reconstruir linhas de tempo pode ter interesse. Por exemplo entre as aguadeiras ou peixeiras de ontem que correspondência temos com os vendedores de castanha ou as floristas da baixa. Podemos olhar para os grupos que se formam. Como ineragem. Que tipos fazem parte.

A linha da história pode fazer contrastes interessante entre o passado e o presente. Por exemplo olhar para a memória dos escravos, dos galegos, dos ciganos, dos venderores de jornais, dos estivadores pode ser uma janela de consciencia. Olhar também para eventos, os autos de fé da inquisição e as diferentes manifestações no espaço ao longo do tempo contam histórias

Histórias que podem ser contadas na primeira pessoas de procurarmos os artistas de hoje, os estudantes, os médicos ou os advogados. Os homens da carris que conduzem electricos e autorcarros, todos eles tem histórias da cidade que viram, tal como o porto e o seus marinheiros podem contar histórias do mundo que está para além deste espaço

Através das emoções pode-se procurar a imagem poética da cidade. A cidade arruinda e a cidade reconstruída. A cidade do Tejo ou a cidade do campo. A imagem da cidade permite uma relação transitiva entre o eu que conhece e o outro. Uma imagem vivida é uma imagem que é construída pelo sujeito. A ela opõe-se a imagem construída pela experiência mediada, por exemplo da televisão tem uma vida própria para além do sujeito

Dez horas da manhã; os transparentes  
Matizam uma casa apalaçada;  
Pelos jardins estancam-se as nascentes,  
E fere a vista, com brancuras quentes,  
A larga rua macadamizada.

Rez-de-chaussée repousam sossegados,  
Abriram-se, nalguns, as persianas,  
E dum ou doutro, em quartos estucados,  
Ou entre a rama do papéis pintados,  
Reluzem, num almoço, as porcelanas.

Como é saudável ter o seu conchego,  
E a sua vida fácil! Eu descia,  
Sem muita pressa, para o meu emprego,  
Aonde agora quase sempre chego  
Com as tonturas duma apoplexia.

E rota, pequenina, azafamada,  
Notei de costas uma rapariga,  
Que no xadrez marmóreo duma escada,  
Como um retalho da horta aglomerada  
Pousara, ajoelhando, a sua giga.

E eu, apesar do sol, examinei-a.  
Pôs-se de pé, ressoam-lhe os tamancos;  
E abre-se-lhe o algodão azul da meia,  
Se ela se curva, esguelhada, feia,  
E pendurando os seus bracinhos brancos.

Do patamar responde-lhe um criado:  
"Se te convém, despacha; não converses.  
Eu não dou mais." É muito descansado,  
Atira um cobre lívido, oxidado,  
Que vem bater nas faces duns alperces.

Subitamente - que visão de artista! -  
Se eu transformasse os simples vegetais,  
À luz do Sol, o intenso colorista,  
Num ser humano que se mova e exista  
Cheio de belas proporções carnis?!

Bóiam aromas, fumos de cozinha;  
Com o cabaz às costas, e vergando,  
Sobem padeiros, claros de farinha;  
E às portas, uma ou outra campainha  
Toca, frenética, de vez em quando.

E eu recompunha, por anatomia,  
Um novo corpo orgânico, ao bocados.  
Achava os tons e as formas. Descobria  
Uma cabeça numa melancia,  
E nuns repolhos seios injetados.

As azeitonas, que nos dão o azeite,  
Negras e unidas, entre verdes folhos,  
São tranças dum cabelo que se ajeite;  
E os nabos - ossos nus, da cor do leite,  
E os cachos de uvas - os rosários de olhos.

Há colos, ombros, bocas, um semblante  
Nas posições de certos frutos. E entre  
As hortaliças, túmido, fragrante,  
Como alguém que tudo aquilo jante,  
Surge um melão, que lembrou um ventre.

E, como um feto, enfim, que se dilate,  
Vi nos legumes carnes tentadoras,  
Sangue na ginja vívida, escarlate,  
Bons corações pulsando no tomate  
E dedos hirtos, rubros, nas cenouras.

O Sol dourava o céu. E a regateira,  
Como vendera a sua fresca alface  
E dera o ramo de hortelã que cheira,  
Voltando-se, gritou-me, prazenteira:  
"Não passa mais ninguém!... Se me  
ajudasse?!..."

Eu acerquei-me dela, sem desprezo;  
E, pelas duas asas a quebrar,  
Nós levantamos todo aquele peso  
Que ao chão de pedra resistia preso,  
Com um enorme esforço muscular.

"Muito obrigada! Deus lhe dê saúde!"  
E recebi, naquela despedida,  
As forças, a alegria, a plenitude,  
Que brotam dum excesso de virtude  
Ou duma digestão desconhecida.

E enquanto sigo para o lado oposto,  
E ao longe rodam umas carruagens,  
A pobre, afasta-se, ao calor de agosto,  
Descolorida nas maçãs do rosto,  
E sem quadris na saia de ramagens.

Um pequerrucho rega a trepadeira  
Duma janela azul; e, com o ralo  
Do regador, parece que joeira  
Ou que borriafa estrelas; e a poeira  
Que eleva nuvens alvas a incensá-lo.

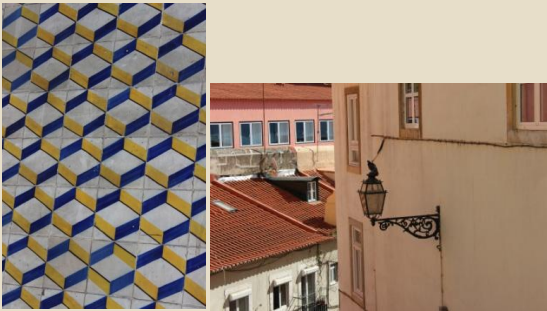
Chegam do gigo emanações sadias,  
Ouço um canário - que infantil chilrada!  
Lidam ménages entre as gelosias,  
E o sol estende, pelas frontarias,  
Seus raios de laranja destilada.

E pitoresca e audaz, na sua chita,  
O peito erguido, os pulsos nas ilhargas,  
Duma desgraça alegre que me incita,  
Ela apregoa, magra, enfezadita,  
As suas couves repolhudas, largas.

E, como as grossas pernas dum gigante,  
Sem tronco, mas atléticas, inteiras,  
Carregam sobre a pobre caminhante,  
Sobre a verdura rústica, abundante,  
Duas frugais abóboras carneiras.

# Sentimentos

Na construção de olhares é importante procurar criar espaços de diálogos no espaço. A cidade é por natureza um espaço de diálogo, com as suas praças e as suas centralidade. Os equipamentos sociais são espaço de encontros. As esplanadas, os jardins, os cafés, ao lado dos museus, ds teatros e cinemas são espaços de narrativas. Neles se encontra a comunidade para viver. A vida é um dialogo permanente com os outros.



Sentimentos, de forma genérica, são informações que seres biológicos são capazes de sentir nas situações que vivenciam. Por exemplo, *medo* é uma informação de que há risco, ameaça ou perigo direto para o próprio ser ou para interesses correlatos.

A *empatia* é informação sobre os sentimentos dos outros. Esta informação não resulta necessariamente na mesma reação entre os receptores, mas varia, dependendo da competência em lidar com a situação, e como isso se relaciona com experiências passadas e outros fatores.



O *riso* é um dos mais intrigantes comportamentos. Podemos-lo considerar como uma expressão dum sentimento gerada no processo de consciência e vivida de forma social.

Como ação social o riso implica um enfrentamento do que é colocado fora do senso-comum. De alguma forma o riso é o oposto da emoção porque coloca em causa o sistema de valores culturais. O riso pode ser uma forma de ajustar o indivíduo ao grupo. É cómico e alvo da ironia de todos os indivíduos que por alguma razão estão fora do padrão de comportamento.



Mas o riso é sobretudo um poderoso espelho da comunidade. Para além de produzir uma expressão de coesão e de libertação das tensões individuais e coletivas acumuladas em cada um. Uma das propostas que decorre deste processo é "oficina do riso" onde procura construir a partir do riso, um conhecimento de si e um reconhecimento do outro como forma de construção de ação libertadora.

*é bom lembrar mai vozes pois lisboa  
cidade com poético fadário  
cabe toda num verso do cesário  
e alguma em ironias do pessoa*

*para cada gaivota há um do o'neill  
para cada paixão um do david  
e há pedro homem de mello que divide  
entre alfama e cabanas seu perfil*

*e há também o ary e muitos mais  
entre eles o camões e o tolentino  
ou tomando por fado o seu destino  
ou dando de seu riso alguns sinais*

*muito do que escreveram e se canta  
na música de fado que já tinha  
o próprio som do verso vem asinha  
assim do coração para a garganta*

*que bom seria tê-los a uma mesa  
de café comparando as emoções  
e a descobrirem novas relações  
entre o seu fado e a língua portuguesa*

**Poetas de Lisboa , Vasco Graça Moura**



## Cartografias sonoras

A cartografia das sonoridades do espaço urbano da baixa é uma proposta de processo de conhecimento sobre as identidades dos espaços. Como imagens poéticas resulta da busca e reconhecimento dos espaços. O tempo do som da cidade como campo de reconhecimento da experiências urbanas é uma proposta inovadora que tem vindo a ser desenvolvida no CES de Coimbra pelo núcleo CCArq.

Temos vindo a olhar o espaço através da fotografia. Afirmamos que a percepção é adquirida por múltiplos canais. Contudo, nos espaços de memória e nos procedimentos narrativos quase sempre é mobilizada a vista e a audição. A procura da experiência é quase sempre uma proposta

relativamente empobrecida para os diferentes órgãos de percepção, nomeadamente a audição, o olfato e a manipulação. É certo que em diferentes contextos elas podem emergir. Mas estão longe e encontrar nos espaços de representação momento de experiências.



Os trabalhos desenvolvidos, na esteira da proposta de Carlos Fortuna<sup>8</sup>, permitiram verificar que a experiência urbana é também uma experiência sonora. A cidade tem os seus sons, que se distinguem dos sons rurais ou pré-urbanos. A sonoridade urbana é construída sobre uma exacerbação da mecânica dos sons. Estes sons mecânicos urbanos que nos encontramos envolvidos distinguem-se do campo das sonoridades pré-urbanas, identificáveis pela experiência da "ruralidade".



Como hipótese explicativa poderemos considerar que procurar uma história dos sons nos permitiria identificar três tipos de sonoridades: As sonoridades do mundo natural. As sonoridades pré-industriais e as sonoridades urbanas. A cada um destes tipos corresponderia uma forma de organização particular de sonoridades. Assim num primeiro nível teríamos uma oposição mundo rural/mundo urbano, e dentro das cidades teríamos sonoridades pré-industriais (sem mecanizações) e pós-industriais. No âmbito das sonoridades industriais, a diferença de intensidade corresponderia a graus de maturidade urbana.

Retomado a teoria da domesticação do tempo pelas sociedades ocidentais<sup>9</sup>, no qual o tempo passa a ser concebido como algo exterior ao homem, colocado como uma linearidade, a partir todos os eventos são colocados em num contexto e numa circunstância; afirma-se que as comunidades urbanas marcam

---

<sup>8</sup> Carlos Fotutna, 2012, op cit

<sup>9</sup> Veja-se o livro de Calude Levi-Stauss, *La Pensée Sauvage*, Paris, Plon, 1969

esta ruptura com o tempo cíclico pela introdução de um ritmo do tempo por via mecânica. Os sinos de igreja são o exemplo paradigmático. A domesticação do tempo encontra uma correspondência na domesticação do espaço, através de mercas no território.



Nas comunidades urbanas há uma sonoridade sempre presente. Uma marcação dos ritmos. Há uma distinção natural entre ruído e música. Uma distinção de depende da subjetividade da harmonia, da combinação do ritmo e da melodia. Os sons domesticados são sons conhecidos, dominados pelo pensamento. São sons que são reconhecidos pelos membros duma comunidade. Se há sons pré-urbanos, como os pregões ou os sons da fonte ou dos cavalos nos empedrados, que chegam até nós, os sons urbanos são claramente mecânicos. Assim se em comunidades pré-urbanas o som permitiria uma cartografia de determinados territórios, também os sons urbanos permitem reconstruir indicações das pertenças territoriais. Por exemplo o automóvel em movimento, com a sonoridade do seu motor é um marcador territorial.

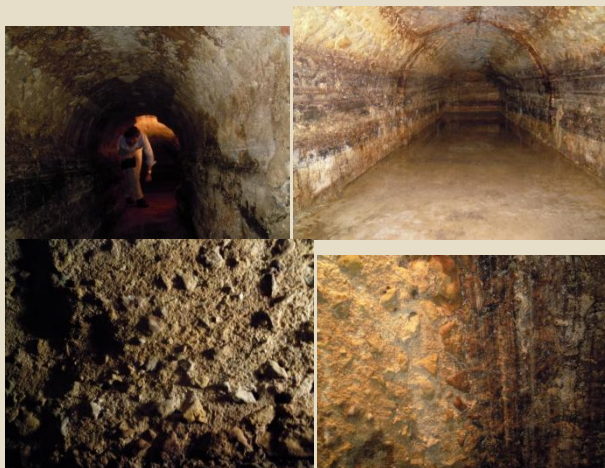
A experiencia na cidade consiste em trazer o som da vida real para o domínio da arte como exercício de reconhecimento. A proposta da intersubjetividade é pensar os modos como os indivíduos se ligam uns entre os outros e com a terra. Restabelecer os conectores como construção duma ecologia de saberes. Chamar a tenção dos urbanistas que o som não está integrado no ordenamento do território. As sonoridades são marcas de resiliência do território a parti do qual se podem reconstruir paisagens sonoras.

## A Memória e o Esquecimento



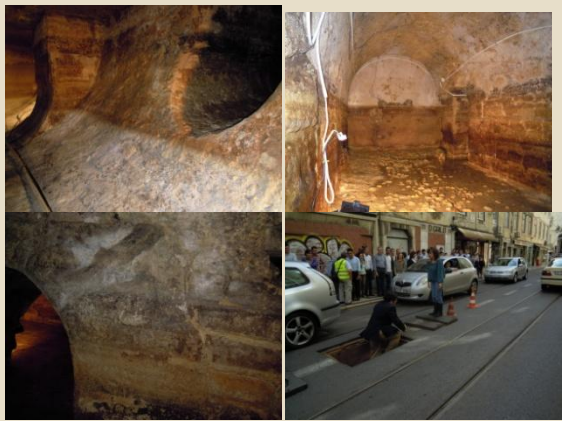
A memória e o esquecimento é uma das questões que temos vindo a trabalhar ao longo da experiência em Lisboa. As questões colocadas aos indivíduos sobre o que é lembrado e o que é esquecido levantam a necessidade de se resolver a questão sobre a quem pertence essa memória. A relevância (lembança) associada ao seu valor (posse) é assim considerada como atributos de significação de configurações sociais em processo. As narrativas biográficas que acima apresentamos como proposta do empirismo crítico procura captar a consciência de algo revelada pela rememoração como um reflexo do mundo. Temos vindo a defender que esta busca do que se vê, ao invés de relevar que vê, nos permite ultrapassar o impasse que os estudos sobre a memória histórica caíam ao analisar os chamados fenómenos mnemónicos como eventos individuais socialmente partilhados. A fenomenologia da memória revela-se pelo processo, pelo ato, a partir da qual se reconstrói, sucessivamente, as diferentes narrativas. Ao invés de uma recolção de elementos valorizados, a fenomenologia da memória procura os afetos. Um pathos como catarse atingido por uma pragmática.

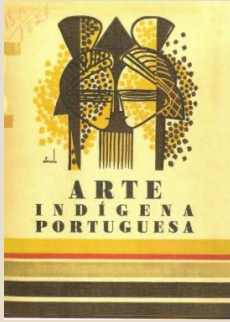
Lembrar algo é em si mesmo uma prática. A ação é sempre verdadeira. No entanto a lembrança não é necessariamente verídica, tal como um evento no passado não é revelado senão apenas através da imagem e da consciência que hoje temos dele. A fenomenologia da memória implica então a prática dum anamnese. Trata-se de uma proposta metodológica de revelação através dos sinais do passado que se cristalizaram no presente como feixes de possibilidades.



A questão do esquecimento torna-se neste domínio relevante porque para além do trabalho de busca de relevância nos documentos da análise e síntese, eles permitem-nos aceder a outras dimensões do passado, a outras formas de ver, fazer e sentir. Se há partes desse passado que são inacessíveis para nós, há ao mesmo tempo traços desse passado que chegam até nós. São ecos que se constituem como feixes de possibilidades, para nós no nosso presente, a partir dos quais reconstruímos os sentidos das ações para o futuro. A memória (os traços de relevância) é o que permite a viagem entre esses tempos, gerando conformidades ou inovação

O trabalho sobre o esquecimento como uma prática encontram hoje, quer para as instituições de memória, quer para os movimentos de emancipação social um campo de relevância para a produção e a pragmática dum conhecimento emancipatório. Um campo onde se cruzam diferentes saberes, diferentes praticas e diferentes modos de produzir memória que mostram relações da comunidade com a natureza a partir das quais se pode reconstruir outros significados da ação coletiva.





Uma das experiências que realizamos, na sequência das experiências sobre o esquecimento é a experiência sobre a herança africana em Lisboa.

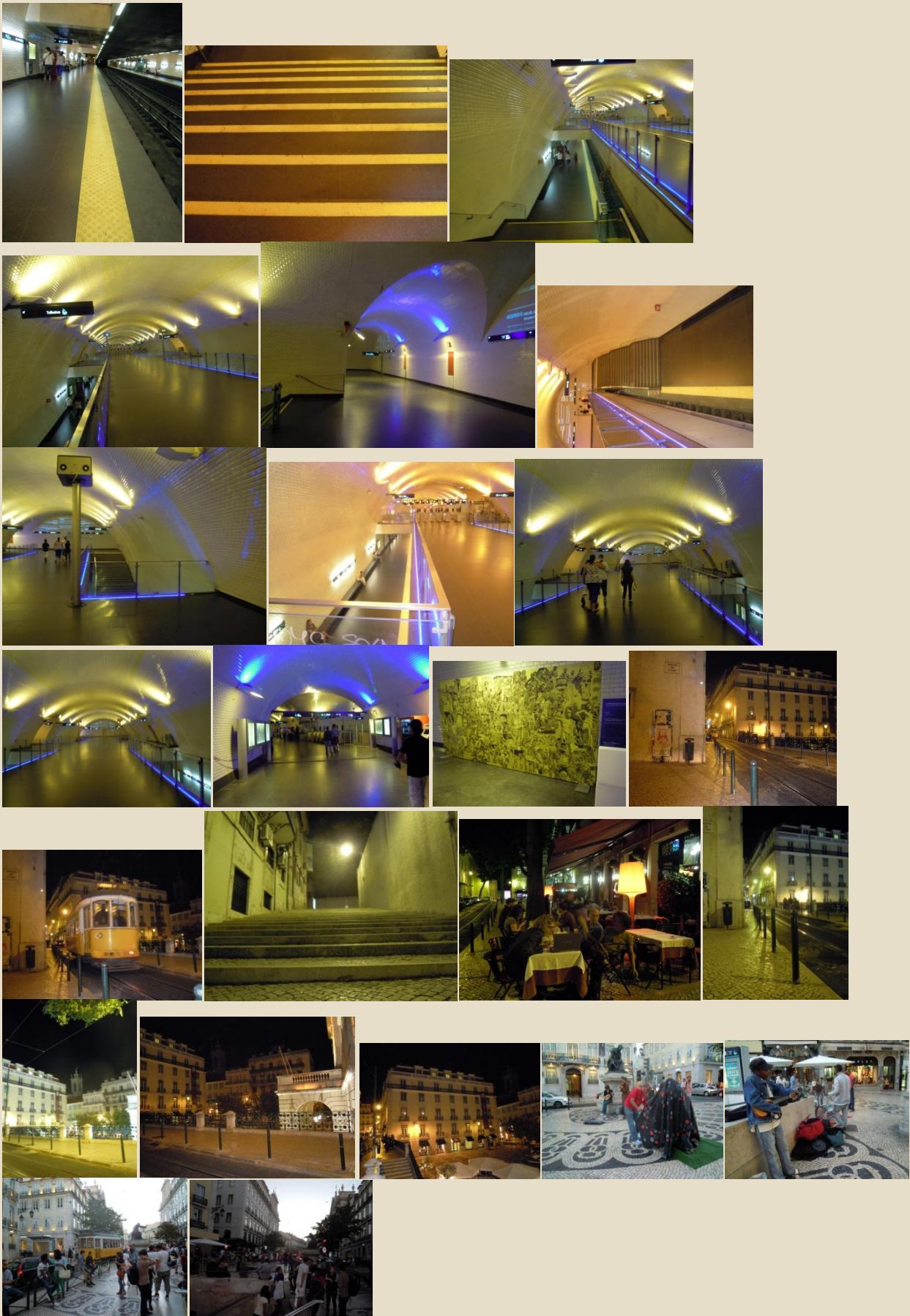
Já num trabalho realizado em 2009, através duma viagem pelos museus da capital procuramos as narrativas sobre a memória dos africanos nos museus de Lisboa tínhamos identificado o esquecimento desta memória.

Na altura seguimos de perto os trabalhos de Isabel Castro Henriques em "A Herança Africana em Portugal", publicado em 2008. Numa análise na longa duração sobre a herança africana conclui que elas estão presentes e são visíveis, subliminarmente. Com muitos preconceitos, muitos deles fundados nas características somáticas da raça. São preconceitos que impedem a plena consciência dos sincretismos que tem vindo a ser operados

Com base neste reconhecimento identificamos que as narrativas dos museus apresentavam um discurso etnocêntrico. Elas revelavam que a comunidade ainda não tinha feito a uma análise da sua memória colonial. O esquecimento é uma impossibilidade de narrar o outro

A nossa viagem neste projeto procurou alargar o âmbito da análise ao espaço da baixa. Concluimos que apesar da forte presença africana, quer na história quer no presente, o silêncio e o esquecimento continua a predominar. A impossibilidade da construção ontológica do outro conduz a narrativas sobre o espaço centradas em processos não dialógicos. A cidade assume-se como moderna, recusando assumir a sua modernidade ontológica





Proposta de revisitar a cidade através da experiência da Literatura

